

A BICICLETA DE JAIME DE MAGALHÃES LIMA

Giorgio DE MARCHIS

ABSTRACT • *The Bicycle of Jaime de Magalhães Lima*. Jaime de Magalhães Lima is the first divulger of Tolstoyism in Portugal and, in the works published in the last decade of the 19th century, he develops a relentless diagnosis of the finissecular decadence, identifying the capital errors of the Century in the materialism prevailing in society and in the divorce between nature and man. In the context of a rigorous and uncompromising neo-franciscanism, the author of *The Vegetarianism and Morality of the Races* (Oporto, 1912) comes to consider the sport exemplary of the crisis of values of a society that «languishes and dies because it lacks the belief in a higher destiny».

KEYWORDS • Portugal; Decadence; Tolstoyism; Sport.

“Um dos caracteres que a crise económica reveste por toda a parte ainda hoje, é que ela volve-se logo em crise moral, avivando antíteses profundas da natureza humana, talvez irreduzíveis na actual organização social, seja qual for a forma de governo.” (Cordeiro 1999: 208) Com estas palavras, Joaquim António da Silva Cordeiro na sua obra mais célebre – *A Crise em seus Aspectos Morais* – diagnosticava, em 1896, a gravidade da crise pela qual Portugal, na última década do século XIX, estava a passar. Numa fase de estagnação económica agravada por vários escândalos de corrupção política, a humilhação do *Ultimatum* de 1890 projetara sobre o país uma sombra funérea de *finis Patriae*; contudo, “o traumatismo-resumo de um século de existência nacional traumatizada” (Lourenço 2001: 30), na célebre definição de Eduardo Lourenço, era apenas a coerente conclusão de um século “em que pela primeira vez os portugueses (alguns) puseram em causa, sob todos os planos, a sua imagem de povo com vocação autónoma, tanto no ponto de vista político como cultural” (Lourenço 2001: 30).

Neste contexto de crise nacional e identitária que abrange todos os setores da sociedade, afirma-se no meio clínico a tese da decadência fisiológica da raça portuguesa, atribuindo a inferioridade física dos portugueses a causas patológicas (linfatismo, raquitismo, doenças venéreas, tuberculose e alcoolismo) que preanunciavam para o país um futuro tetro mesmo em termos demográficos:

No preciso momento em que a pátria parecia soçobrar perante o imperialismo britânico e se impunha uma nação económica e politicamente forte, a fim de poder rebater a forte concorrência internacional, inúmeros autores, principalmente médicos – Samuel Maia, Alfredo da Costa, Ricardo Jorge, entre muitos outros – denunciavam a inferioridade física da população portuguesa. Esta parecia acompanhar a decadência moral da nação a que tinham conduzido os inconvenientes de uma monarquia corrupta. Para todos estes autores, a ameaça de despovoamento provocado pela emigração para o Brasil; a grande percentagem de “incapazes, alienados, alcoólicos e portadores de doenças venéreas nas fileiras do exército”; o desenvolvimento de “um alfofre de tuberculosos que ha de comprometer n’um breve

futuro a economia nacional”, na expressão de Samuel Maia, eram os sintomas que auguravam um futuro sombrio para Portugal. (Vaquinhas 1992: 370)

De qualquer maneira, mesmo na Europa que pensava – que, como escrevera Antero de Quental em 1865, ficava “a cinquenta e a cem léguas das nossas terras patriarcais e a mil ou duas mil das nossas não menos patriarcais inteligências” (Quental 1980: 78) – “o século XIX findava com tumultuosas dúvidas sobre a Ciência, sobre a Democracia, sobre a civilização material.” (Pires 2007: 19) Exemplares deste difuso pessimismo finissecular, as considerações que desde Paris, em 1895, escreve Eça de Queirós:

Todos tínhamos, com efeito, esquecido o pobre, nesta grande ilusão e deslumbramento do progresso material que nos absorveu e obcecou setenta anos. Enganados pela ciência, embrulhados nas subtilezas balofas da economia política, maravilhados como crianças pela habilidade da mecânica, durante setenta anos construímos freneticamente vapores, caminhos de ferro, máquinas, fábricas, telégrafos, uma imensa ferramentagem, imaginando que por ela realizaríamos a felicidade definitiva dos homens e mal antevendo que aos nossos pés, e por motivo mesmo dessa nova civilização utilitária, se estava criando uma massa imensa de miséria humana, e que, com cada pedaço de ferro que fundíamos e capitalizávamos, íamos criar mais um pobre! No fim destes setenta anos de martelar e de forjar, havia com efeito alguns sujeitos muito gordos e muito ricos – mas havia uma multidão de famintos, mais faminta e maior que nenhuma que o mundo vira desde o velho patriciado romano. (Queirós 2001: 275)

Desilusão para com as conquistas da Ciência, “o grande monumento do século XIX”¹ (Lima 1892: XIII), e desalento perante a ordem e o progresso impostos por “este complicado maquinismo chamado civilização” (Lima 1902: 240) que Jaime de Magalhães Lima, nesses mesmos anos, expressa nestes termos:

O mal é profundo e a sua origem de natureza puramente moral. Um país tem todos os bens da terra, caminhos de ferro, telégrafos, pontes, médicos, teatros, laboratórios, químicos, todos os gozos e todas as riquezas; e definha e morre porque lhe falta a crença num destino superior da humanidade a que tem de subordinar a sua existência. (Lima 1892: XXIV)

Com estas palavras, formuladas dois anos após o Ultimatum britânico, é possível introduzir nesta complexa viragem de século a figura de Jaime de Magalhães Lima – “campeão mais saliente de uma reacção ruralista, tradicionalista, religiosa heterodoxa contra a ideologia do progresso racional, científico-naturalista em moldes da burguesia urbana” (Lopes 1987: 48) – que manteve relações relativamente estreitas com as principais figuras da Geração de Setenta e cujo nome se encontra intimamente ligado à divulgação do tolstoísmo e da literatura russa no Portugal finissecular. Figura de excepcional importância, embora hoje limitada apenas a um interesse histórico-literário, o intelectual aveirense exerceu um papel notável na cultura portuguesa da sua época; sobretudo se se considera que “was the first Portuguese writer to bring the Russian novelists to the attention of the Portuguese reading public” (Edgerton 1976: 55).

Como é sabido, a publicação em Paris, em maio de 1886, de *Le Roman Russe* de Eugène-Melchior de Vogüé revelou ao Ocidente uma literatura até então quase completamente desconhe-

¹ Não existindo edições contemporâneas de Magalhães Lima, a fim de uniformar o texto, optou-se por actualizar a ortografia das citações das suas obras.

cida, dando a conhecer aos leitores franceses autores como Turguenev, Gogol, Tolstoi e Dostoiévski – escritores que, graças ao seu profundo espiritualismo, mostravam uma possível saída do beco naturalista. Magalhães Lima é o primeiro crítico literário na Península Ibérica a escrever sobre esta novidade cultural e, na esteira do *Le Roman Russe* de Vogüé, assina uma série de artigos publicados na revista *A Província*, nos quais defende que só a barbárica mas exuberante literatura russa poderá exercer uma influência regeneradora na insípida e moribunda cultura europeia da sua época.

As principais figuras da Geração de Setenta acolhem a nova moda parisiense com prudência, senão com um certo receio. Numa carta datada de 3 de janeiro de 1889, Antero de Quental manifesta ao autor dos artigos as suas dúvidas perante o excesso de imaginação dos russos, reconhecendo que “o pensamento da Rússia, até agora, parece-me perfeitamente caótico. Mas o mundo começa a estar tão cansado de lógica, de ciência, de análise, que talvez se deixe levar mais uma vez pelos entusiastas e visionários.” (Quental 1989: 918). Da mesma maneira, poucos anos mais tarde, em 1893, o autor de *O Crime do Padre Amaro*, mesmo diagnosticando o inexorável descrédito do Naturalismo em favor de um movimento afirmativo de espiritualidade religiosa de uma geração nova, não deixa de expressar a sua desconfiança para com o socialismo católico do autor de *Le Roman Russe*:

Mas o que me inquieta (e aqui me parece ser logro) é que nesse lugar divino, nessa nova Galileia, onde o sr. De Vogué levou a mocidade, não estão somente Jesus e a sua doce lição. Para além, na sombra, por trás do sr. De Vogué, parece-me avistar um sacristão! Erra aqui um cheiro eclesiástico de incenso e cera – e há pouco, quando o sr. De Vogué citou Virgílio, o doce verso ressoou, neste ar abafado de capela, com a melancolia de um *Ite, missa est...* (...) A democracia aqui usa o báculo de ouro da teocracia. A sobrecasaca do sr. De Vogué tem uma severidade triste de batina... (Queirós 2000: 250)

Seja como for, num contexto finissecular de substancial renovação de poéticas mas sobretudo de mudança de valores, o profetismo moral de Jaime de Magalhães Lima insere-se plenamente na reacção contra o materialismo científico reivindicando que “a grande necessidade da cultura moderna, científica no método, racionalista no espírito, e utilitária no fim, é descobrir qualquer agente eficaz para alimentar em nós o ideal.” (Lima 1902: 24)

À primeira vista, a russofilia de Magalhães Lima poder-se-ia considerar apenas um tardio exemplo do cosmopolitismo cultural da Geração de Setenta. Contudo, neste autor nascido em 1859 e, portanto, bem mais novo do que os outros membros do grupo, já não se tratava de “ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que viva a humanidade civilizada” (Quental 1982: 254). Pelo contrário, o objetivo do autor de *Transviado* era identificar uma forma nova e alternativa de civilização porque “a forma atual (...) é fisiologicamente insustentável” (Lima 1892: 51). A procura de uma cura para a depressão moral provocada pelo “individualismo na política e o materialismo na ciência e na cultura” (Lima 1886: 8) – atitude coerente com uma mais ampla inquietação metafísica que caracteriza a cultura portuguesa finissecular e que, em formas diversas, se encontra em vários autores, com propostas que vão da recuperação de uma religiosidade tradicional ao Budismo, até excêntricas práticas de esoterismo (Rei 2012) – leva o intelectual aveirense a importar do Oriente um frugal magistério espiritual e ruralista, alheio a toda a faustosa e indolente *imagerie* orientalista. É na Rússia – o único povo europeu que, segundo Magalhães Lima, “parece escapar às dúvidas que enfraquecem e corrompem as nações do Ocidente” (Lima 1892: XXXIX) – que o autor de *Vozes do meu Lar* identifica “o antigo espírito do cristianismo: este espírito de piedosa humildade, de resignação e de amor fraterno que o Cristo ensinou pelos seus preceitos e pelo seu exemplo” (Lima 1892: XLIII). O comunitarismo evangélico de matriz eslava torna-se, de facto, no pensamento deste autor português, uma possível forma de regeneração para a crise espiritual contemporânea devida “tanto à dessacralização da sociedade

ocidental como a um factor biocultural (o rompimento dos laços que uniam o homem à terra)” (Viçoso 2002: 130):

O divórcio entre a moral religiosa e a política, entre a democracia e o cristianismo, é talvez o maior dos seus males. Só a Rússia se apresenta em condições de dar solução aos problemas da civilização contemporânea, baseando as sociedades em novos e sólidos fundamentos, fundindo num só corpo a moral, a filosofia, e as instituições políticas e sociais. (Lima 1892: LIII)

A descoberta da cultura russa impressiona a tal ponto Jaime de Magalhães Lima que, em 1888, decidirá viajar até à propriedade rural de Yasnaya Polyana, para conhecer pessoalmente Tolstoi, de quem, na altura, já lera *Guerra e Paz* e *Ana Karenina* e de quem apreciava as qualidades do escritor tanto quanto a sua filosofia, reconhecendo nele uma das mais poderosas influências na sua evolução espiritual. Desta longa viagem, surgirão uma série de cartas publicadas primeiro no jornal *A Província* e, a seguir, em 1889, reunidas num volume intitulado *Cidades e Paisagens*. Mais tarde, nos primeiros meses de 1890, na queirosiana *Revista de Portugal*, Magalhães Lima publicará um longo estudo intitulado *A Filosofia de Tolstoi*, integrado, em 1892, no volume *As Doutrinas do Conde Leão Tolstoi*. O conjunto destas três obras constitui um corpus determinante para a divulgação do tolstoísmo que, em Portugal, vai alimentar várias propostas neo-românticas e, numa maneira especial, a voga neo-franciscana de que Magalhães Lima será um dos principais exponentes.

Na introdução a *Cidades e Paisagens*, Magalhães Lima propõe uma classificação da literatura de viagens que lhe permite apresentar as suas impressões da Europa contemporânea como considerações de um viajante que “procura a representação direta daquilo que já conhece, vendo em movimento os corpos vivos, cuja anatomia e fisiologia estudou primeiro” (Lima: 1889: XI). Sendo assim, a Rússia e a França são filtradas pela ideologia do autor e, não por acaso, surgem como os dois polos antitéticos de uma dicotomia que opõe decadência e regeneração. Paris, aos olhos de Magalhães Lima, é de facto a “Roma de uma nova Igreja a que preside um papa – A Devassidão” (Lima 1889: 14) e a imoral cidade francesa é a capital do materialismo e do individualismo:

Desde a madrugada até alta noite, compra-se e vende-se. Ao romper da manhã, os pesados *percherons* arrastam ao mercado toda a riqueza que os campos enviam; depois, vem o político em busca do poder, comprando por todo o preço o voto popular, lisonjeando-lhe no parlamento e na imprensa os caprichos e instintos, cedendo sem pudor à traficância e à corrupção; depois, vem o sportman e o titular, os cavalos e os vestidos caros, as carruagens, as rendas e os brilhantes, vem o livro escandaloso e o livro desvairado, vem a feira das vaidades, como lhe chamaria o romancista inglês; depois, os mercados do amor, a miséria que ri, a miséria embriagada da própria miséria; e sempre o marulhar desta onda constantemente inquieta que geme e apregoa, ameaça e implora. (Lima 1889: 17)

A inanidade da vida moral parisiense e o seu acentuado carácter de mercado não têm uma alternativa viável na enfadonha e sombria Berlim – “a antecâmara dum imperador: muita farda e um grande silêncio, sempre armada e sempre calada, perpetuamente preocupada da força e da autoridade” (Lima 1889: 29) – e nem sequer na “atividade física e psicológica de intensidade medíocre” (Lima 1889: 62) dos escandinavos, que fizeram de Estocolmo “uma cidade pacífica, burguesa, asseada, em ordem, sem grandes palácios nem grandes ruas, parcamente animada de comércio e de prazeres” (Lima 1889: 64). É Moscovo, “uma cidade sem plano, sem princípio nem fim, sem um centro de convergência, caprichosa e emaranhada, como a imaginação oriental” (Lima 1889: 41), que, no relato de Jaime de Magalhães Lima, surge como o centro de irradiação de uma civilização espiritualista:

Dizem ter mil e seiscentas igrejas, e creio ter devoção para edificar outras tantas, Não há uma casa sem uma imagem de Cristo; nem os restaurantes com frequência muito suspeita lhe escapam. As ofensas não têm número, tudo se faz por milagre. Direi todavia que esta é a maior força daquele povo. Entre Paris, o epicurismo, Berlim, a força, e Moscovo, a religião, eu preferirei a última, porque neste reconhecimento de uma vontade superior, de quem tudo dimana e provém, está o germen e o fundamento da paciência, da resignação e da obediência, forças invencíveis que os factos externos deixam intatas e não quebram (Lima 1889: 43)

Magalhães Lima reconhece no povo russo um carácter democrático e religioso – no qual sobrevive o antigo espírito do Cristianismo, “espírito de piedosa humildade, de resignação e de amor fraterno que o Cristo ensinou pelos seus preceitos e pelo seu exemplo.” (Lima 1892: XLIII). Uma instintiva religiosidade popular que tem a sua maior expressão intelectual na filosofia e no “modo de viver tão anormal” (Lima 1889: 52) de Leão Tolstói. Deste ponto de vista, não será impróprio dizer que o intelectual português “viu Jesus Cristo no libertarismo genial de Tolstói” (Agostinho 1911: 17) ou que, como ele mesmo confessa, viu “uma estreita relação entre Tolstói e S. Francisco de Assis: ambos foram os apóstolos da ressurreição do cristianismo em épocas de desvairamento moral e religioso.” (Lima 1892: LIV) Leia-se, à luz destas palavras, a descrição que Magalhães Lima faz da “conversão” do autor de *Ana Karenina*:

Um dia, um conde desse dourado império dos czars vestiu-se de *moujik*, e mais do que simplesmente, pobremente, foi esconder-se na sua aldeia e começou a ceifar o trigo, semear o grão e construir a cabana. Tinha tudo o que a vaidade ambiciona, uma fortuna imensa, um nome ilustre (...). Nada lhe faltava para conquistar a lisonja e a veneração do seu tempo, e esse homem, que podia ter uma corte de admiradores e turiferários, tudo deixou pelo trabalho da terra e pela companhia do aldeão, que há pouco ainda era seu escravo. (Lima 1889: 45)

Perante o macroscópico processo de urbanização do continente e num contexto de profundo sentimento de decadência fisiológica e moral dos povos civilizados, embora criticando o radicalismo social do tolstoísmo, Magalhães Lima identifica em Tolstói um mentor de quem irá adotar o ascetismo rural, o antimilitarismo, o vegetarianismo e, sobretudo, a idealização de um edénico regresso ao campo, em prol da paz social e da comunhão patriarcal com a natureza – que, como é sabido, irá constituir mais uma faceta da cultura portuguesa finissecular.

Como o romancista russo, também o escritor português identifica o erro capital do século XIX na crescente redução do trabalho físico e no divórcio entre a natureza e o homem. De facto, escreve Magalhães Lima, apresentando a filosofia do autor de *Guerra e Paz*, “um dos caracteres do nosso tempo é a distância cada vez mais longa interposta entre o homem e a natureza; essa vida primitiva, em que o homem tirava da terra o pão de cada dia à custa do próprio esforço, é cada dia menos frequente” (Lima 1892: 49).

A constatação que o progresso material e a acumulação de bens materiais conduziam inevitavelmente à ociosidade, ao tédio e à perversa dissipação da atividade humana leva o primeiro apóstolo português do tolstoísmo a enaltecer a atividade física. Deste ponto de vista, poder-se-ia supor uma convergência entre o pensamento de Magalhães Lima e as inovadoras teorias que, no Portugal finissecular, enalteciam a importância da ginástica sueca e do desporto como meios de regeneração nacional, com função pedagógica e uma clara componente medicinal:

No âmbito de um agudo sentimento de decadência da “raça” portuguesa, será a ginástica a primeira actividade física a surgir como remédio para essa degeneração, a partir sensivelmente da década de 70 do século XIX. A ginástica, apesar de pouco praticada, vai assumir uma função regeneradora na sociedade portuguesa, mas outras actividades surgem com o mesmo objectivo, assumindo embora,

ao contrário da “monocórdica” ginástica sueca, uma função recreativa e lúdica, algo que a ginástica, em certa medida, não era capaz de oferecer. É assim que aparece e se desenvolve o *sport* (...) O *sport* surge, sem a contrariar, como alternativa à ginástica, com objetivos precisos de robustecer o corpo. (Serrado 2014: 18)

Deste ponto de vista, a denúncia que Magalhães Lima faz, por um lado, das horrorosas condições fisiológicas em que, na cidade oitocentista, se realiza o trabalho moderno e, por outro, da decadência física dos habitantes mais abastados das capitais europeias – que, enfraquecidos, definham e, privados de todas as condições de felicidade, chegam à velhice “sem terem visto mais de duas ou três vezes na sua vida o nascer do sol, a manhã, e sem nunca terem visto os campos e as florestas senão da sua carruagem ou dum wagon do caminho de ferro; nunca plantaram nem semearam coisa alguma, nunca criaram nem uma vaca, nem um cavalo, nem uma galinha e não têm a menor ideia da maneira por que nascem, crescem e vivem os animais.” (Lima, 1890: 338) – deixaria supor que este autor concordasse com o barão Pierre de Coubertin que, em 1896, reconhecia como um dos principais legados da cultura clássica “la participation des muscles au travail de formation morale.” (de Coubertin 1896: 2), juntando-se assim ao muitos médicos e intelectuais portugueses que, na última década do século XIX, atribuíam à prática desportiva uma imprescindível missão político-social de salvação da Nação. Por isso, não deixa de ser surpreendente a condenação da prática do desporto que o escritor aveirense faz em *Vozes do meu Lar* – “O sport é um trabalho desnecessário, movimento pelo movimento, sem fim nem outro intento que não seja este inteiramente vão – mover-se.” (Lima 1902: 259) – num breve texto intitulado *As Demências do Sport*, onde chega a equiparar a recente moda do desporto ao consumo do tabaco e ao alcoolismo, este último um dos principais agentes degenerativos, segundo a literatura médica da época²:

Não tendo utilidade alguma social, redundam em um modo de dissipação de energia e bens, que corre parrelhas com o tabaco e o álcool. Pouco importa que um conserve o corpo e o outro o arruíne: ambos significam prejuízo social sem compensação. Atrofiar o cérebro pelo exercício muscular elevado a mania, ou incendiá-lo com a embriaguez, tudo termina na mesma inutilização para trabalho social, e individualmente, proveitoso e útil. (Lima 1902: 264)

Para Magalhães Lima o desporto é “uma espécie de demência” (Lima 1902: 259) e, na sua implacável denúncia dos males do exercício físico, é a bicicleta (apenas tolerada como meio de transporte barato) o alvo principal das suas críticas mais ferozes:

Uma feia coisa! Não sofre dúvida. Feia para homens e mulheres; não há meio de por esses pedaços de ferro esguio, em linhas rectas, quebradas por ângulos agudos, de harmonia com a flexibilidade on-deante e graciosa do corpo humano. (...) Que se monte uma bicicleta somente para exclamar: - 20, 30 ou 40 quilómetros por hora! é coisa de tamanha inanidade que só a imbecis pode dar prazer. (Lima 1902: 259)

² Como Presidente honorário da Sociedade Vegetariana de Portugal, a estas patologias sociais Magalhães Lima acrescenta também o *carnivorismo*: “a carne e o vinho são companheiros e cúmplices nessa embriaguez do nosso sangue e da nossa alma que nos conduz aos infernos de todas as demências e abjeções. (...) É nesta operação de aviltamento da nossa raça que o carnivorismo está colaborando activamente.” (Lima 1912: 35).

Numa profunda revisão dos valores ideológicos da geração anterior, a acirrada hostilidade para com o ciclismo torna-se parte de uma reação contra a ideologia positivo-cientista da civilização oitocentista, obcecada com os “famosos cem quilómetros por hora” (Lima 1902: 184). De resto, na interpretação de Susanna Barsella, o caráter extremo do ciclismo agonístico das origens teria a sua justificação na conceção darwinista da sociedade³ e, sendo assim, não deixa de ser significativo que, no contexto anglosaxónico, a bicicleta se torne símbolo finissecular do progresso tecnológico e industrial e prova irrefutável da regeneração moral da sociedade protestante, impondo-se como emblema da modernidade e “tecnological legitimation of the Victorian teleological view of history” (Mackintosh – Norcliffe 2006: 25). Pelo contrário, na sua idealização da vida rural e do trabalho manual, na sua extremada e rigorosa interpretação do comunitarismo neo-franciscano, Magalhães Lima chega a considerar essa “feia coisa” o exemplar produto de uma cultura individualista, que defende uma “invenção moderníssima, desconhecida dos afamadíssimos juristas romanos, – o direito de se divertir” (Lima 1902: 248). Em nome do Ideal e de uma moralidade superior, que o autor de *Eucaliptos e Acácias* praticou de modo exemplar em toda a sua obra e na sua própria vida (Coelho 1978), Jaime de Magalhães Lima acaba, assim, por defender posições conservadoras; essas mesmas posições que o amigo Eça de Queirós atribuía ao deplorável Conde de Gouvarinho que, ao ouvir defender a ginástica obrigatória nos colégios, protestara neste termos: “Crea o digno par que nunca este país retomará o seu lugar à testa da civilização, se, nos liceus, nos colégios, nos estabelecimentos de instrução, nós outros os legisladores formos, com mão ímpia, substituir a cruz pelo trapézio...” (Queirós 2003: 299)

BIBLIOGRAFIA

- Agostinho, José (1911), *Jaime de Magalhães Lima*, Porto, Editora António Figueirinhas.
- Barsella, Susanna (1999), *Bicicletta: il mito e la poesia*, in *Italica*, vol. 76, n. 1, p. 70-97.
- Coelho, Jacinto do Prado (1978), *Jaime de Magalhães Lima, discípulo de Tolstoi (no sesquicentenário de Leão Tolstoi)*, in *Colóquio/Letras*, 46, p. 83-88.
- Cordeiro, Joaquim António da Silva (1999), *A Crise em seus aspectos morais*, estudo introdutório, organização e notas de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Edições Cosmos.
- de Coubertin, Pierre *et alii* (1896), *Les jeux olympiques de 1896*, Athens – Paris, Charles Beck Editeur – Le Soudier.
- Edgerton, William B. (1976), *Tolstoy and Magalhães Lima*, in *Comparative Literature*, vol. 28, 1, p. 51-64.
- Lima, Jaime de Magalhães (1886), *Erros do Individualismo*, in *Estudos sobre a Literatura Contemporânea*, Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz, p. 3-22.
- Lima, Jaime de Magalhães (1889), *Cidades e Paisagens*, Porto, Tipografia Silva Teixeira.

³ “l’esaltazione dello sforzo fisico, del duro lavoro che mette alla prova le capacità del corridore e consente l’affermazione del migliore, corrisponde alla concezione positivista-evoluzionista dello sport di inizio secolo, secondo la quale la gara è un meccanismo di selezione ed un mezzo di affermazione dell’individuo attraverso un confronto che si svolge sul piano egualitario della competizione senza privilegi d’accesso. La gara assume un immediato valore simbolico e la selezione operata dalla bicicletta, determinata non dal privilegio ma dalle doti fisiche, viene accettata da tutti. La concezione dello sport come prova selettiva marca lo spirito delle prime gare: le tappe interminabili su percorsi durissimi per le condizioni delle strade, del clima, della geografia che Barthes definisce «omerica» divengono i nemici contro cui combatte il corridore.” (Barsella 1999: 73).

- Lima, Jaime de Magalhães (1890), *A Filosofia de Tolstoi*, in *Revista de Portugal*, vol. II, p. 172- 191 e 329-350.
- Lima, Jaime de Magalhães (1892), *As Doutrinas do Conde Leão Tolstoi*, Porto, Chardron – Lugan & Gene-lioux.
- Lima, Jaime de Magalhães (1902), *Vozes do meu lar*, Coimbra, Tipografia França Amado.
- Lima, Jaime de Magalhães (1912), *O Vegetarismo e a Moralidade das Raças*, Porto, Sociedade Vegetariana Editora.
- Lopes, Óscar (1987), *O Novi-Romantismo folclorizante nas primeiras reacções antinaturalistas*, in *Entre Filho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Lourenço, Eduardo (2001), *Psicanálise mítica do destino português*, in *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, p. 23-66.
- Mackintosh, Phillip Gordon – Norcliffe, Glen (2006), *Flânerie on bicycles: acquiescence to women in public in the 1890s*, in *The Canadian Geographer*, 50, 1, p. 17-37.
- Pires, António M. Machado (2007), *Luz e sombras na transição do século (a época de D. Carlos)*, in *Luz e sombras no século XIX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 11-25.
- Queirós, Eça de (2000), *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição Livros do Brasil.
- Queirós, Eça de (2001), *Cartas de Paris*, Lisboa, Edição Livros do Brasil.
- Quental, Antero de (1980), *Nota (sobre a missão revolucionária da poesia)*, in Alberto Ferreira (ed.), *Antologia de textos da «Questão Coimbra»*, selecção de textos e notas de Maria José Marinho, Lisboa, Moraes.
- Quental, Antero de (1982), *Conferências Democráticas estabelecidas na Sala do Casino*, in *Prosas Sócio-Políticas*, publicadas e apresentadas por Joel Serrão, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Quental, Antero de (1989), *Cartas*, vol. II, organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Editorial Comunicação.
- Rei, Matteo (2012), *Lo spiritismo nella letteratura portoghese di fine secolo*, in *Impressões do Crepúsculo. Studi sulla letteratura portoghese di fine secolo*, Perugia, Dante Alighieri, p. 73-104.
- Serrado, Ricardo (2014), *Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910)*, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. 33, p. 1-27.
- Vaquinhas, Irene Maria (1992), *O Conceito de “decadência fisiológica da raça” e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX/Princípios do século XX)*, in *Revista de História das Ideias*, 14, p. 365-388.
- Viçoso, Vitor (2002), *A Literatura Portuguesa (1890-1910) e a crise finissecular*, in *Crises em Portugal nos séculos XIX e XX*, coordenação de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa.

GIORGIO DE MARCHIS • is a full professor of Portuguese and Brazilian Literature in the Department of Languages, Literatures and Foreign Cultures of the University of Rome Tre, where he coordinates the Chairs «José Saramago» and «Agostinho Neto». In addition to studies on the first and second Portuguese Modernism, he is the author of books, articles and essays on 19th century Portuguese and Brazilian literature.

E-MAIL • giorgio.demarchis@uniroma3.it